

Educação (em tempo) Integral: diálogos entre a universidade e a Educação Básica



Escola Municipal Celso Raimundo da Silva - São João del Rei - MG

ORGANIZAÇÃO

Levindo Diniz Carvalho

Larissa Medeiros Marinho dos Santos

FINO TRACO
FT
EDITORA

Todos os direitos reservados à Fino Traço Editora Ltda.
© Levindo Diniz Carvalho, Larissa Medeiros Marinho dos Santos

Este livro ou parte dele pode ser reproduzido por qualquer meio, sem a autorização da editora, desde que para utilização em caráter pedagógico e preservada a autoria dos textos.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação | Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E26

Educação (em tempo) integral: diálogos entre a universidade e a educação básica / organização Levindo Diniz Carvalho, Larissa Medeiros Marinho dos Santos. - 1. ed. -

Belo Horizonte, MG : Fino Traço, 2016.

240 p. : il. ; 23 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8054-290-5

1. Educação - Brasil. 2. Educação - Aspectos sociais. I. Carvalho, Levindo Diniz. II. Santos, Larissa Medeiros Marinho dos.

16-30348

CDD: 370.981

CDU: 37(81)

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO EDVCERE

Alfredo Macedo Gomes | UFPE

Álvaro Luiz Moreira Hypolito | UFPEL

Dagmar Elizabeth Estermann Meyer | UFRS

Dalila Andrade Oliveira | UFMG

Diana Gonçalves Vidal | USP

Elizeu Clementino de Souza | UNEB

Luiz Fernandes Dourado | UFG

Wivian Weller | UNB

FINO TRAÇO EDITORA LTDA.

Rua Nepomuceno 150 | Casa 3 | Prado | CEP 30411-156

Belo Horizonte, MG, Brasil | Telefone: (31) 3212-9444

finotracoeditora.com.br

Desafios iniciais na implantação da Fanfarra na Educação Integral da Escola Municipal Pio XII, como iniciativa do Programa Mais Educação

André Thiago de Souza

Débora Andrade

Introdução

Este trabalho consiste em um relato de experiência de início de um projeto que ainda está em construção, no Programa Mais Educação. Ele demonstra que enquanto escola, monitores e alunos não possuem recursos para que as oficinas tenham seu início, há muito trabalho a ser feito na área musical. E o que se propõe, neste relato, é que esse tempo seja investido em musicalizar os alunos por meio de um trabalho corporal.

Aqui serão descritos os desafios enfrentados durante a implantação de uma Fanfarra na Escola Municipal Pio XII, de São João del-Rei, bem como as estratégias utilizadas ao contornar esses desafios e as frentes filosóficas que inspiraram a prática pedagógica musical aplicada ali.

Os pedagogos musicais que inspiraram esse trabalho

De acordo com Fonterrada (2008), os educadores musicais do século XX, como Émile Jaques-Dalcroze, Zoltan Kodaly, Carl Orff, Edgar Willems e Shinichi Suzuki, são os pioneiros no ensino de música. Antes deles, não havia uma preocupação em prezar pelo bem-estar da criança ou do jovem. No final do século XIX, por exemplo, a preocupação dos professores de

música era produzir bons intérpretes musicais, buscando excelência no conhecimento técnico instrumental. Já os educadores do século XX despertaram para a importância de que a vivência musical existisse mesmo antes do ensino teórico musical. São alguns desses teóricos que inspiraram a filosofia de ensino e a prática pedagógica aplicada nas oficinas de música da Escola Municipal Pio XII.

O primeiro deles, Jaques-Dalcroze, compositor e pedagogo musical suíço, que viveu entre os anos de 1865 e 1950, criou uma pedagogia musical que desejava libertar o aluno da inércia do corpo cultivada por um processo de ensino enciclopédico. O principal objetivo da sua pedagogia era fazer com que o aluno se familiarizasse com os elementos da linguagem musical por meio do movimento corporal (MARIANI, 2011).

Já o renomado compositor Carl Orff, propôs uma pedagogia musical na qual o ritmo, que segundo ele é a base de toda melodia, deveria ser um resultado do movimento. Ele e amiga Dorothea Gunter davam aulas de música e dança para professores de educação física, com uma proposta de integração de música e movimento. Ao trabalhar com crianças, desenvolveu o conceito de “música elemental”, uma música que envolvia fala, dança e movimento. Nesse contexto, as melodias eram pequenas e os ritmos simples, ambos de fácil assimilação. Eram cantilenas, rimas, parlendas, bem como vários jogos que faziam parte do universo infantil. Assim as crianças eram levadas a tocar desde cedo em grandes grupos instrumentais Orff.¹ (FONTERRADA, 2008)

Já Shinichi Suzuki, que viveu cem anos, entre 1898 a 1998, argumentava que a adaptação ao ambiente é algo natural ao ser humano, ocorrendo por meio das interações sociais e da imitação. Da mesma forma que as crianças pequenas não aprendem a ler quando estão aprendendo a falar, não devem obrigatoriamente aprender a ler partitura musical quando se iniciam no aprendizado instrumental, pois elas devem começar a tocar de ouvido. Para ele, o talento é um produto construído culturalmente (ILARI, 2011).

1. Os instrumentos Orff foram planejados pelo próprio compositor, juntamente com Curt Sachs e Karl Maendler. é formado por vários xilofones, metalofones, tambores, pratos, platinelas, pandeiros, maracas, violas da gamba, flautas doces e outros instrumentos de percussão pequenos. (FONTERRADA, 2008)

Além disso, ele afirmava que toda criança tem capacidade potencial para aprender música da mesma forma que aprende a língua materna. Os procedimentos, a seguir, fazem parte do método de sua pedagogia musical: repetição constante; aceitação dos esforços e possíveis falhas das crianças; oferecimento de oportunidade para a criança tocar em público; formação de repertório e estímulo à habilidade de memória e à execução “de ouvido”, antes que a criança aprenda a ler partitura (FONTERRADA, 2008).

São essas propostas de vivência músico-corporal, de apropriação das linguagens musicais que fazem parte do universo cultural dos alunos, de execução “de ouvido” ou por repetição, dentre outras, que respaldaram a pedagogia musical descrita a seguir.

Enquanto os instrumentos não chegam...

Vem vamos embora que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

(VANDRÉ, 1979, apud SANTANA, ARAÚJO, JESUS, SANTANA, 2011, p. 85)

Esse refrão da música “Pra não dizer que não falei das Flores”, composta por Geraldo Vandré, expressa bem a ideia desse relato de experiência. Todo profissional, de qualquer área do conhecimento, gostaria de trabalhar em condições ideais, nas quais não lhe falta infraestrutura. Contudo, é preciso considerar que iniciativas, sobretudo no campo da educação, demandam tempo, paciência e flexibilidade para que sejam concretizadas.

A oficina de música na Escola Municipal Pio XII, de São João del-Rei teve início no dia 14 de novembro de 2013 e tinha como objetivo inicial trabalhar Fanfarra. E já se conhecem as contribuições pedagógicas da Fanfarra para a vida dos jovens, sobretudo no aspecto social (MARQUES, 2013). Sabe-se, também, que como derivações do ensino de música escolar, é uma manifestação cultural importante que articula uma relação entre a escola e a cidade (CAMPOS, 2007).

Mas entre a data de início das atividades de música até a data da chegada dos instrumentos passaram-se seis meses. O que fazer durante esse tempo? Apesar da expectativa do monitor, da escola e dos alunos, de que

o trabalho se concretizasse, deu-se início ao trabalho musical. Esse tempo foi aproveitado para que uma iniciação musical fosse feita, por meio de atividades musicais que privilegiassem a vivência musical corporal tanto defendida pelos pedagogos musicais do século XX, como Émile Jaques-Dalcroze e Shinick Suzuki, já citados.

Para começar o trabalho, as turmas do contraturno escolar foram divididas em quatro grupos, o G1, de 06 a 08 anos, o G2, de 09 e 10 anos, o G3, de 11 e 12 anos e o G4, de 13 a 17 anos. Cada um desses grupos tinha, em média uma hora e meia de aula por semana. No turno da manhã, as oficinas eram ministradas nas segundas-feiras, das 09h00 às 12h00 e, no turno da tarde, nas quintas-feiras, de 12h30 às 15h30.

Análise das atividades

Para demonstrar parte do trabalho de musicalização realizado nas oficinas de música, antes que os instrumentos chegassem, foram escolhidas dez atividades, que serão descritas e analisadas a seguir, sendo as cinco primeiras aplicadas ao G1 e G2 e as cinco posteriores aplicadas ao G3 e G4.

Atividades musicais do G1 e G2:

1. “O jeepe do padre”

O jee - pe do pa-dre deu um fu - ro no p - neu O jee - pe do pa-dre deu um

fu - ro no p - neu O jee - pe do pa - dre deu um

fu - ro no p - neu co - le - mos com chi - cle - te

- Dinâmica:

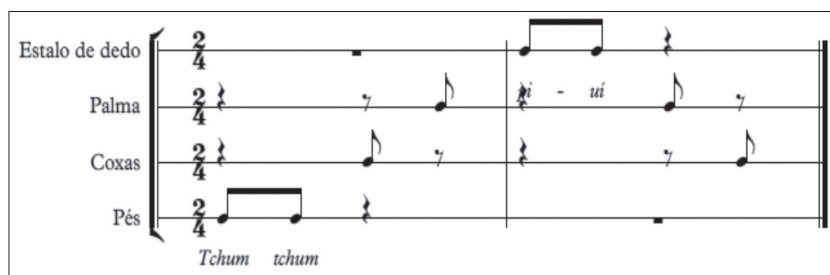
Cantar a letra acima com a melodia da música “The Battle Hymn of the Republic”, de Julia Ward Howe, adaptado para o português como “Vencendo vem Jesus” ou “Já refulge a glória eterna”, muito conhecida nos ambientes católico e protestante, cujo refrão é o “Glória, glória, aleluia”. Realizar a seguinte coreografia:

- O jeepe – Realizar o movimento de girar um volante de carro.
- do padre – Juntar as mãos.
- deu um furo – Apontar para frente o dedo indicador.
- no pneu - Girar o dedo, desenhando um círculo.
- Colemos com chiclete – Esconder as mãos nas costas e mostrá-las abertas, como se fizesse um sinal de “pare”.

- Conteúdos vivenciados:

- Coreografia;
- Estruturação musical – Fraseado a / a' / a / b.

2. ‘Comboio’



- Dinâmica:

O professor realiza a seguinte sequência de ações: bate os dois pés no chão, um após o outro, bate uma vez nas coxas, uma palma e dois estalos de dedos. Depois, volta com uma palma, uma batida nas coxas e repete o ciclo. Quando os alunos estiverem familiarizados com a sequência, realiza esta atividade em roda, imitando o comboio de um trem. Para enfeitar mais a brincadeira musical, ao bater os pés no chão, emite-se o som “tchum tchum” e simultâneo ao estalar de dedos, “piuf”. Deve-se acelerar gradativamente.

- Conteúdos vivenciados:

- Pulsação regular;
- Subdivisão binária de pulsação;
- Variação de velocidade – acelerando.

3. “Nome, palma, pulo”

Dinâmica:

O professor organiza a turma em roda e pede para que cada aluno diga seu nome, um após o outro, criando a seguinte sequência: nome – nome –

nome – nome, até que todos tenham se apresentado. Na segunda vez, intercala nomes e palmas, até que todos tenham se apresentado, obedecendo à sequência nome – palma – nome – palma. Em seguida, inclui o “pulo”, formando a sequência nome – palma – pulo – nome – palma – pulo, até ela seja interrompida por um provável erro. Caso ele aconteça, reinicia-se a brincadeira. A princípio, ela é feita numa pulsação mais lenta. À medida que os alunos se acostumam, torne a brincadeira mais rápida.

- Conteúdos vivenciados:
 - Pulsação regular;
 - Andamento lento e rápido;
 - Prontidão;
 - Memória sequencial.

4. “Uá tá tá”

- Dinâmica:
 - Ensine a música para a turma e, depois, a coreografia seguinte:
 - Uá tá tá a / Uá tá tá** – Bata com as mãos nas coxas, nas sílabas em negrito.
 - Guli guli guli guli** - Estale os dedos, nas sílabas em negrito. Posicione a mão direita em cima da cabeça e a esquerda embaixo do queixo.
 - Auê ê Auê ê** – Movimentar os braços, acima da cabeça, para a direita e para a esquerda, nas sílabas em negrito.

- Conteúdos vivenciados:
 - Coreografia;
 - Duração: dobro / metade;
 - Memória sequencial;
 - Estruturação Musical: Forma A B.

5. “Tique Taque Popof”



- Dinâmica:

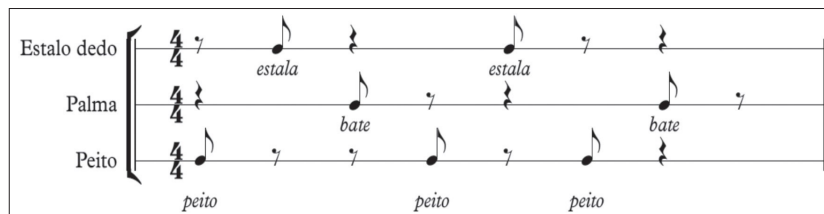
O professor ensina a melodia para a turma, em roda. Ele improvisa vários movimentos a cada vez que a frase é cantada. Os alunos repetem os movimentos de forma “atrasada”. Ou seja, quando o professor muda de gesto, os alunos fazem o anterior ao atual do professor.

- Conteúdos trabalhados:

- Pulsação regular;
- Cânone gestual;
- Expressão vocal e corporal.

Atividades musicais do G3 e G4

1. “Peito, estala, bate”



- Dinâmica:

Ensinar frase por frase a sequência: peito-estala-bate / peito-estala-peito-bate. Em seguida, unir as duas frases. Pode-se cantar junto com os batimentos qualquer música que não seja em pulsação ternária.

Conteúdos vivenciados:

- Pulsação regular;
- Timbres corporais;
- Memória sequencial;
- Ostinato rítmico do “Rap”.

2. “Ê, ô, atrele os bois”

1º grupo 2º grupo

Ê ô a - tre - le os bois. Sin - ta - o ven - to cai a chu - va so - bre nós.

5 3º grupo Para terminar.

Va - mos co - lher as es - pi - gas dou - ra - das... Ê ô ê

Essa é uma versão brasileira da canção francesa “Vent frais, vent du matin”.

- Dinâmica:

Ensine a canção com a letra acima. Em seguida, cante-a em roda, realizando a seguinte coreografia:

-Ê, ô, atrele os bois – quatro passos para a direita e uma palma.

-Sinta o vento, cai a chuva sobre nós – quatro passos para a esquerda e uma palma.

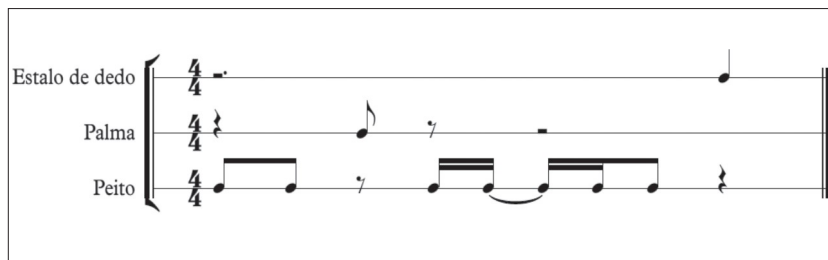
-Vamos colher as espigas douradas – quatro passos, na sequência direita, esquerda, direita, esquerda.

Quando a melodia e a coreografia estiverem aprendidas, divida os alunos em dois ou três grupos, formando uma roda dentro da outra. Cada roda começará a cantar a música e a se movimentar em momentos diferentes, formando um cânone a duas ou três vozes, dependendo da maturidade musical do grupo. Combine com a turma a quantidade de vezes em que a melodia será repetida.

- Conteúdos vivenciados:

- Pulsação regular;
- Expressão vocal;
- Estruturação musical (cânone);
- Melodias em modo menor;
- Memória sequencial.

3. Batimentos corporais



Esses batimentos corporais foram utilizados pela emissora de televisão “Globo”, em ocasião das festividades de fim de ano, quando se cantava a música “Um Novo Tempo” de Marcos Valle, cuja letra diz:

“Hoje é um novo dia de um novo tempo que começou
Nesses novos dias, as alegrias serão de todos, é só querer
Todos os nossos sonhos serão verdade, o futuro já começou

Hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa, é de quem quiser, quem vier
A festa é sua, hoje a festa é nossa, de quem quiser, quem vier...”

Os batimentos corporais foram ensinados à equipe da emissora pelos integrantes do grupo de percussão corporal paulista, chamado “Barbatuques” e eram familiares aos alunos da escola.

- Dinâmica:

Em roda, realize a seguinte sequência de ações: bata duas vezes no peito com as mãos alternadas e uma palma. Repita as duas batidas alternadas e conclua a frase com um estalo de dedo de ambas. Depois que todos estiverem treinados, cantem a música junto com a percussão corporal.

- Conteúdos vivenciados:

- Pulsação regular;
- Síncopes;
- Timbres corporais;
- Memória sequencial.

4. Frases rítmicas

- Dinâmica:

Primeiramente, vivencie com os alunos as frases rítmicas faladas, junto com palmas. Em seguida, escreva os ritmos no quadro e relacione as frases faladas às frases rítmicas. Esta é uma forma de ensinar a relação entre as figuras de valores antes mesmo de nomeá-las.

1ª frase 2ª frase 3ª frase 4ª frase

Fala — 2/4 —

Eu vou. Eu não vou. A - cho que vou. Eu não que - ro ir.

- Conteúdo vivenciado:

- Pulsção regular;
- Subdivisão binária e ternária do pulso;
- Leitura rítmica de semínima, colcheia, quiáltera e semicolcheias.

5. Batimento corporal “Tchum tchum tchá”

Esse otinato rítmico é muito conhecido pelos alunos da Escola Municipal Pio XII, por fazer parte da coreografia da música “Vai galera coração”, interpretada pela dupla sertaneja Edson e Hudson. Mas, na verdade, já é muito conhecida por ser a base rítmica da música “We will rock you”, da banda britânica de “hard rock” chamada Queen.

- Dinâmica

Em roda, o professor propõe para os alunos a seguinte sequência de percussão corporal: duas batidas de mão nas coxas e uma palma. Pode-se propor que as crianças cantem a letra da música supracitada. Depois de terem vivenciado corporalmente o ritmo, os alunos o tocam em um instrumento de percussão como a caixa de guerra, por exemplo. Transferem-se as duas batidas das coxas para o centro da pele do instrumento e a batida da palma no aro que segura a pele.

Palmas (Aro) 2/4

Coxas (Pele) 2/4

- Conteúdos vivenciados:

- Batimentos corporais;

- Pulsção regular;
- Duração – Dobro/metade.

Valeu a pena esperar!

A chegada dos instrumentos trouxe muita alegria aos grupos, expressa em frases como “Nossa! Só vi esses instrumentos na banda do exército!”. A escola adquiriu vinte e seis instrumentos, sendo eles quatro caixas de guerra, quatro taróis, quatro cornetas em tonalidade “Fá”, quatro cornetas em tonalidade “Si bemol”, quatro cornetões em “Fá”, quatro cornetões em “Si bemol” e um par de pratos e um surdo.

Uma vez que os instrumentos foram adquiridos pela instituição, precisou-se de um espaço amplo, com tratamento acústico, para que o som não atrapalhasse as demais aulas. Esse foi o segundo desafio enfrentado, nessa experiência. A escola não o possuía, fazendo com que explorássemos e apropriássemos de outros ambientes.

Figura 1

Ensaio da Fanfarra no Galpão alugado pela Prefeitura da cidade



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2

Os instrumentos de percussão da Fanfarra



Fonte: Arquivo pessoal.

Em um primeiro momento, as oficinas aconteceram em uma igreja evangélica, situada atrás da escola. Em um segundo momento, elas aconteciam em uma igreja católica, localizada a uma distância de cinco quarteirões da escola. Uma vez que essa distância nos tomava cerca de vinte minutos de aula, foi providenciada uma sala pequena, na própria instituição. Por fim, as aulas aconteceram em um galpão, em frente à escola, alugado por iniciativa da prefeitura da cidade.

Em outro momento, as aulas começaram a ser realizadas nas ruas, no entorno da escola, numa tentativa de interação com a sociedade. Aliás, uma das praças do entorno da escola foi muito utilizada, não somente para o ensaio da Fanfarra, mas também para outras atividades como a apreciação da “Paisagem Sonora”, dentro da proposta de educação sonora de Murray Schafer (FONTERRADA, 2008).

Figura 3

Ensaio da Fanfarra no entorno da escola



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4

Ensaio da Fanfarra no entorno da escola 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa iniciativa nos remete ao poema “A Rua”, de Paulo Freire que diz:
“Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua.
Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas.
É perigosa, dizem: violência, drogas...
E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano?
De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos?
Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua
Às crianças ou devolver as crianças às ruas;
Ficariam, ambas, muito alegres.”

As pessoas pararam, nas ruas, para ver este movimento, enquanto as crianças se alegravam por ter uma aula “diferente”. Nesse sentido, levar as crianças para outros espaços, proporcionou-nos levar à sociedade um pouco da escola e mostrar aos alunos que esta não se encerra entre as quatro paredes.

Considerações finais

Como já foi dito, este capítulo relata apenas o início de um trabalho que ainda renderá muitos frutos musicais e culturais para a escola e a comunidade que a cerca e dela participa.

Aproveitar a oportunidade de vivenciar música corporalmente, mesmo não sendo a proposta inicial da escola, foi fundamental para que a Fanfarra acontecesse. Antes da aquisição dos instrumentos, as crianças descobriram seus corpos como instrumentos ricos em timbres e possibilidades rítmicas. Após esta aquisição, surgem desafios, por exemplo, de como pegar e manusear baquetas de percussão, de forma a conseguir agilidade e diferentes dinâmicas (forte/fraco) na execução musical. Surge, então, a mesma necessidade de explorar as possibilidades musicais dos instrumentos, assim como o fizeram com o corpo.

Certamente outros desafios virão. Mas é imprescindível que a mesma postura otimista ampare o compromisso de toda a comunidade envolvida nesse trabalho, a fim de que continue crescendo.

Por fim, mais gratificante ainda do que ver essas crianças fazendo música juntas é sentir no grupo o prazer pela descoberta de novas possibilidades que se descortinam à sua frente.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Nilceia Protásio. A Música na articulação entre a Escola e a Cidade: A atuação das Bandas e Fanfarras. In: *Anais do VII Sempem*. Goiânia. Ano I – N.1, 2007. Disponível em: http://portais.ufg.br/up/270/o/anais_VII_SEMPEM.pdf#page=58. Acesso em: 01 set. 2014
- ILARI, Beatriz. Shinichi Suzuki: A educação do talento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX, 2011.
- MARIANI, Silvana. Émile Jaques Dalcroze: A música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX, 2011.
- MARQUES, Marcos André Ferreira. *Aprendizagem musical de alunos em fanfarras*: Um estudo de pesquisa documental de vídeos de uma Fanfarras Musical Escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília: Brasília, 2013.
- SANTANA, Adriana Alves; ARAÚJO, Joseane de Jesus Pereira; JESUS, Laila Kelly Almeida; SANTANA, Telma de Oliveira. *O Contexto e o Intertexto na Música Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré. Revista Graduando. n. 2, jan./jun. 2011.

